



FUTEBOL FEMININO EM MATO GROSSO: EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE EX-ATLETAS

WOMEN'S FOOTBALL IN MATO GROSSO: LIFE EXPERIENCES OF FORMER ATHLETES

Débora Silva Ribeiro¹

Fernanda Cristina de Figueiredo Silva²

Jaqueline Mendes da Silva³

Éderson Andrade⁴

Resumo

Não é de hoje que o preconceito contra o gênero feminino culmina em várias áreas do mercado de trabalho, é fato que as mulheres avançaram em muito com várias conquistas na luta por direitos iguais, mas isso não significa que esta batalha acabou. Partindo dessa premissa, esse estudo teve por objetivo analisar a trajetória de ex-atletas do futebol feminino mato-grossense, procurando identificar quais os fatores que afetam a permanência delas no esporte. Os dados foram coletados por meio do roteiro de entrevista com seis perguntas de identificação e dez perguntas voltadas para o nosso objeto de estudo. A entrevista foi realizada com dez ex-atletas de futebol feminino do Estado de Mato Grosso. A análise dos dados foi realizada pelo processo de redução proposto por Bogdan e Biklen. Os resultados encontrados indicam que o futebol feminino no Estado de Mato Grosso possui muitas dificuldades incluindo: a falta de patrocínio, a falta de salários ou pagamentos justos as atletas e muito preconceito machista e misógino. Conclui-se que o futebol feminino no Estado de Mato Grosso necessita de credibilidade, investimento e o rompimento com uma construção social de que a prática esportiva está atrelada a figura do homem.

Palavras-chave: futebol feminino; Mato Grosso; desigualdade de gênero.

¹ Graduada em Educação Física, coordenadora da Central Única das Favelas – CUFA/MT, Cuiabá/M. E-mail: debora.cufa@gmail.com

² Graduada em Educação Física, professora do Conselho Regional de Educação Física – CREF/MT, Cuiabá-MT, E-mail: fernandacristinafs@hotmail.com

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da USP. Professora Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT, Cuiabá/MT. E-mail: jaqueline.mendes@ifmt.edu.br

⁴ Pós-doutorado em Educação Física pela UFMT. Superintendente da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação – SECITECI/M. E-mail: ederson.ufmt@gmail.com

Abstract

Prejudice against women has been a common occurrence in many areas of the job market for some time now. It is a fact that women have made significant progress in their fight for equal rights, but this does not mean that this battle is over. Based on this premise, this study aimed to analyze the trajectory of former female soccer players from Mato Grosso, seeking to identify the factors that affect their continued participation in the sport. Data were collected using an interview script with six identification questions and ten questions focused on our object of study. The interviews were conducted with ten former female soccer players from the state of Mato Grosso. Data analysis was performed using the reduction process proposed by Bogdan and Biklen. The results indicate that women's soccer in the state of Mato Grosso faces many difficulties, including: lack of sponsorship, lack of fair salaries or payments to athletes, and a lot of sexist and misogynistic prejudice. It is concluded that women's football in the State of Mato Grosso needs credibility, investment and a break with the social construction that sports practice is linked to the figure of men.

Keywords: women's football; Mato Grosso; gender inequality.

1 INTRODUÇÃO

Não é de hoje que o preconceito contra o gênero feminino culmina em várias áreas do mercado de trabalho, é fato que as mulheres avançaram em muito com várias conquistas na luta por direitos iguais, mas isso não significa que esta batalha acabou.

Bourdieu (2010) afirma que, apesar de possivelmente termos a presença feminina em todos os estratos sociais, o acesso a posições de maior poder e prestígio, tipicamente masculinas, torna-se cada vez mais restrito para as mulheres. Por exemplo, é verdade que cada vez mais vemos mulheres representadas em cargos públicos, porém sempre em posições menos favorecidas, apesar das longas lutas destas para o devido reconhecimento de suas qualificações, seu trabalho ainda é “empobrecido”, dando superioridade na valorização do trabalho masculino.

Esse autor ainda destaca que no mercado de trabalho sem dúvida as mulheres são na maioria das vezes menos remuneradas que os homens, mesmo realizando o mesmo trabalho. Com os mesmos diplomas as mulheres acabam obtendo cargos menos elevados e sobretudo são as mais atingidas pelo desemprego e precariedade de emprego, sendo excluídas quase que infalivelmente dos jogos de poder e das perspectivas de carreira. É inegável que, ao longo da história recente, as mulheres conquistaram avanços significativos em diversos países, inclusive no Brasil, na busca por igualdade. No entanto, muitas lutas ainda precisam ser travadas para que alcancem o espaço plenamente desejado e merecido.

O processo discriminatório contra as mulheres continua a ser uma realidade social. Quando afirmamos o seu término ou a tentativa de ocultá-la podemos incorrer na intensificação da aceitação dessas condutas, fato que pode prejudicar a força das ações e mobilizações em favor da equidade de gênero.

Diante do panorama apresentado, releva-se a importância desta pesquisa que buscou expor os enfrentamentos que as mulheres passam no futebol mato-grossense, que esse é um esporte ainda dominado pelos homens. Goellner (2003) explica a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro, demonstrando que isso não está relacionado apenas a ausência de patrocínio, mas recorre à duas vertentes que são facilmente identificadas em vários espaços sociais, sendo eles: a aproximação entre o futebol e a masculinização da mulher, e a naturalização de um padrão de mulher que seja feminina, bela e dócil.

Bourdieu analisa a dominação masculina na sociedade, é fundamental incluir a instituição do esporte, especialmente o futebol, nesse contexto. Isso porque o esporte, de acordo com Mourão e Morel (2005), também se configura como um espaço de reprodução das

desigualdades de gênero. Na história do Brasil, por exemplo, o Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, que proibia as mulheres de praticarem esportes considerados incompatíveis com as "condições de sua natureza", é um reflexo dessa dominação. Esse decreto foi regulamentado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportos, que impôs restrições ainda mais específicas à prática esportiva feminina, proibindo as mulheres de participarem de atividades como lutas, futebol, futebol de praia, futebol de salão, halterofilismo, beisebol e polo. No entanto, as mulheres conseguiam contornar essas restrições ao participar de jogos beneficentes, como peladas de rua, o que evidencia o grande interesse e a vontade das mulheres em praticar o futebol, apesar das barreiras impostas.

Segundo os autores supracitados, na década de 1980 a proibição foi revogada, e o resultado dessa revogação foi o surgimento de vários times femininos. Dessa forma, foram criados campeonatos de futebol feminino com visibilidade nacional. Entretanto, quatro décadas depois, o preconceito enraizado continua a reinar, com a existência de algumas violências simbólicas direcionadas as mulheres, como por exemplo: apelidos que são dados as mulheres habilidosas nesse esporte direcionados a figura dos homens, ou até mesmo serem chamadas de macho-fêmea.

Destaca-se ainda nesse contexto a questão dos salários no futebol. O jogador argentino Lionel Messi ganha mais do que 1.693 atletas do futebol feminino juntas, uma diferença alarmante que foi exposta pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres em 2019. (ONU MULHERES, 2019). Além disso, segundo dados do IBGE, em média a mulher ganha 80% do salário de um homem, apesar de ter maior escolaridade e trabalhar mais horas do que ele.

A princípio, o futebol feminino começou ganhar notoriedade e espaço em competições importantes como a Copa do Mundo, os empecilhos detectados eram ainda maiores. A rainha do futebol feminino Marta deixou as seguintes palavras em uma entrevista dada a Monteiro (2017) à revista TPM referente ao seu início de carreira: “Eu sofri muito preconceito, ouvi muita besteira. Alguns diziam que eu não podia jogar por ser mulher. Outros falavam que eu era macho.”

Marta, nos relata isso, nos faz refletir: será que isso mudou de fato? Será que as jovens que iniciam no esporte vivem um outro momento? Será que algo está mudando em nossa sociedade, e por isso começam a apresentar em TVs abertas jogos de futebol feminino? Essas são perguntas que permeiam ainda a nossa sociedade, e que precisamos com pesquisas, apresentar essas informações para romper com essa situação vivenciada pela rainha do futebol feminino e muitas outras Martas.

A partir do que foi levantado, estabeleceu-se como questões problema deste estudo: Como se deu a trajetória das mulheres no futebol mato-grossense? Quais os preconceitos vividos pelas mulheres ao jogar futebol no Estado de Mato Grosso? Há apoio da família para que as mulheres atletas joguem futebol? Existe igualdade no salário delas em comparação com o dos homens no Estado?

Dessa forma, o objetivo central desta pesquisa é analisar a trajetória de ex-atletas do futebol feminino mato-grossense, investigando os desafios enfrentados e as desigualdades presentes nesse contexto esportivo.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, exploratória e descritiva, buscando compreender fenômenos sociais a partir da perspectiva dos sujeitos. A abordagem qualitativa privilegia aspectos como o universo de crenças, valores e significados que não podem ser quantificados, permitindo analisar experiências vivenciadas pelas participantes (Minayo, 2003; Godoy, 1995). O caráter exploratório e descritivo se justifica pelo interesse em levantar informações detalhadas sobre a trajetória das atletas e descrever os fenômenos associados à prática do futebol feminino no Estado de Mato Grosso.

Participaram dez ex-atletas federadas de futebol feminino, com idade média de 35 anos e cerca de 15 anos de experiência no esporte. Os critérios de inclusão foram: ter sido atleta federada e ter participado de pelo menos um campeonato estadual. Todas foram identificadas pelas iniciais de seus nomes. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Optou-se pela entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados, por permitir obter informações detalhadas e tratar de questões pessoais, estabelecendo uma relação de interação e influência recíproca entre entrevistador e entrevistado (Lüdke & André, 1986). Essa abordagem possibilita captar informações de forma direta e imediata, adaptando-se às respostas e particularidades de cada participante. O roteiro de entrevista continha dez perguntas direcionadas ao objeto de estudo e seis perguntas de identificação, proporcionando um equilíbrio entre estrutura pré-definida e flexibilidade durante a aplicação.

Após a realização das entrevistas, os dados foram transcritos integralmente e organizados para análise. A organização se deu por meio de leituras detalhadas do material. Nesse processo, foram identificadas palavras, frases ou acontecimentos recorrentes que indicavam elementos significativos para o estudo. A partir desses elementos, iniciou-se o

procedimento de codificação, que consiste em atribuir rótulos às unidades de informação que representem tópicos ou temas emergentes.

A análise seguiu o procedimento de codificação por categorias, que consiste em identificar palavras, frases ou acontecimentos recorrentes, buscando regularidades e padrões nos dados coletados (Bogdan & Biklen, 2006). As categorias emergem da própria materialidade das entrevistas e são utilizadas para classificar e relacionar os dados, permitindo compreender as experiências das atletas. Esse processo possibilitou reconhecer padrões, similaridades e tendências nas trajetórias das ex-atletas do futebol feminino mato-grossense, considerando os aspectos sociais, culturais e institucionais que moldam a prática esportiva

3 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a leitura das transcrições das entrevistas que foram realizadas com dez ex-atletas do futebol feminino que tem idade média de 35 anos e que jogaram em média por 15 anos, identificamos três categorias que emergiram do próprio objetivo do estudo, sendo estas: A primeira categoria, **Salário, Cadê você?;** a segunda categoria **Preconceito no país do Futebol** e a terceira e última categoria denominamos **Patrocínio para quem? Visibilidade para quem?**

3.1 Salário, cadê você?

A primeira categoria encontrada está ligada ao piso salarial no futebol feminino mato-grossense. Neste ponto, é notória a desvalorização das atletas e do futebol feminino no Estado. As ex-atletas não possuíam um salário fixo, normalmente recebiam por partida um valor que variava entre 50,00 a 200,00 reais, e esses valores eram pagos conforme o desempenho da atleta, servindo apenas como uma ajuda de custo. Vale ressaltar, que essas ex-atletas não deixaram os gramados a tanto tempo, que em média pararam de jogar há 5 anos.

A seguir apresentamos trechos dos depoimentos das ex-atletas que reflete essa ausência de salário dentro da carreira de jogadora de futebol no Estado do Mato Grosso.

Na minha época nunca existiu salário. Eu nunca ganhei nada (K.C).

Na verdade, não existe um salário, é um valor pago por partida. Salário fixo nunca existiu. Aí o valor varia de atleta para atleta. (J.A.F.).

Falar de futebol aqui no estado de Mato Grosso, ele passa por um processo de um futebol amador, não que no Brasil tenha se generalizado a profissionalização, só que em alguns estados já conseguimos identificar uma estrutura mais organizada, não há um piso salarial aqui no Estado, normalmente nós recebemos por partida. Se disputa uma partida recebe um valor por partida, ou em raras exceções houve situações no ano de 2010 e 2011 no Mixto que chegamos a receber por mês, porém esse valor não chegava a passar de 400 a 600 reais mensais. Mas normalmente recebe por partida, então (pausa) 100 reais por partida, 50 reais por partida, não passando de 200 reais por partida nas melhores situações. (J.E.C).

Não temos um piso salarial [...] é somente um auxílio. (F.D.).

[...] no estadual a gente ganha uma ajuda, um valor pequeno, simbólico, tipo um custo que vai custear a passagem pra você pegar o ônibus de ida e volta ou, abastece com combustível o seu veículo, ou de moto ou de carro pra você se deslocar da sua casa até o local do jogo. É só essa ajuda de custo que nós temos, e isso não são para todas as atletas, porque não tem recurso, não tem recurso para todas, só algumas, como se fosse para as melhores né? (S.A.)

Não existe salário no futebol feminino, apenas uma ajuda. (L.).

A maioria não tem uma carteira assinada, a gente ganha assim, por jogos, e cada atleta tem um valor estipulado, quando eu jogava, assim, no máximo que uma atleta ganhava era 250 por partida dependendo. Se era um campeonato bom ou qualquer, se fosse qualquer, normalmente pagava a passagem e davam uns 50 reais, assim mais ou menos, mas carteira assinada, um salário fixo não tem. (T.C.P.A.).

Em Mato Grosso não há salário estabelecido [...]. As meninas de Mato Grosso jogam por amor. (G.C.N).

É nítido que as falas se encontram e o que prevalece é que elas não possuem um salário mensal, recebem um valor simbólico por partida disputada que ajuda as mesmas a se deslocarem de suas casas para o jogo. Entretanto, o valor não pode ser considerado como uma pagamento pelo trabalho das mesmas, o que nos remete, a fala de (G.C.M) relata que as meninas de MT jogam por amor ao futebol, e não pensando em pagamento, pois, se assim fosse, elas não teriam jogado por tanto tempo no futebol mato-grossense. O que destoa do futebol masculino, na qual os jogadores de MT mesmo tempo salários inferiores aos jogadores dos grandes clubes do país, ainda recebem um salário mensal e possuem contratos firmados com os clubes de futebol.

Embora se esperasse a existência de uma diferença salarial entre as categorias feminina e masculina, a acentuada disparidade encontrada entre ambas as realidades se revelou surpreendente. A questão salarial vivenciada pela categoria masculina difere significativamente da enfrentada pela feminina. Seguem mais alguns trechos das narrativas das ex-atletas que enfatizam essa diferença:

Como eu disse, é as meninas não tem assim, carteira assinada como jogadora, não tem aquele salário fixo, normalmente é por partida e os homens não, a maioria tem uma carteira assinada, ou recebem 1.000 reais de base, os profissionais recebem muito mais, a diferença é muito grande, a visibilidade deles também [...] é muita diferença. (T.C.P.A.).

Existe sim diferença, masculino na categoria de base dos dezesseis anos já assina carteira, recebem um salário fixo, já o feminino não existe em Mato Grosso, porém em outros Estados já existe. (G.D.S).

[...] existe uma diferença que acho que merece ser mencionado entre o salário do masculino e do feminino, que no masculino há sim uma taxa salarial, processo contratuais, e no feminino não, não se passa de uma ajuda de custo, não é assinado contrato, então essa diferença ela é gigantesca, grotesca até. (T.C.P.A.).

Existe sim [...] A diferença é absurda. (K.C.).

O que fica evidente, é que o pagamento que as jogadoras recebiam chega ser indigno, e neste formato elas não conseguem nem se manter, logo, tendo que procurar outros meios de sustento. Desta forma, perdendo o foco no futebol enquanto uma profissão.

O sucesso no futebol, assim como em demais esportes, muitas vezes dependerá de várias horas de treinamento, determinação e foco, dentre outras condicionantes. O treino leva ao aperfeiçoamento, mas se a atleta não tem tempo para treinar porque precisa estar em outro emprego para sobreviver, dificilmente vai conseguir uma boa performance no esporte.

Sobre isso, Gomes (2008) relata que a organização, a estruturação e o controle do treinamento podem auxiliar diretamente na performance e alto rendimento de um atleta. Em outras palavras, treinamento é fundamental, assim como ter tempo para o mesmo. Entretanto, diante da forma com que o como o futebol feminino vem sendo tratado em Mato Grosso, se torna muito difícil que as atletas venham a alcançar essa alta performance.

E sobre isso as ex-atletas nos relataram que:

É preciso um emprego, porque a gente tem que ajudar a família também [...], por jogo às vezes você ganha somente à passagem, falta muito, muita ajuda pelo futebol feminino, no futebol feminino, falta muita ajuda, aí sim, precisa muito de outro emprego porque só o futebol não dá, não tem como ainda. (T.C.P.A.).

Preciso de outro emprego porque não seria possível me manter com o valor futebol. (L.).

Impossível viver de futebol em Mato Grosso, não é legalizado, não existe carteira assinada, não existe vantagens. Jogo pelo amor que sinto. Tenho uma microempresa na área de informática, energia etc. muitos campeonatos jogamos sem treinar, pois não dá tempo de treinar e trabalhar. (G.C.N.).

No momento, desde a época que eu entendo de futebol, que eu comecei a jogar, sempre tive que trabalhar para me manter justamente, o futebol feminino é muito defasado. (S.A.).

Sim precisava de emprego. (J.A.F.).

Sempre precisei trabalhar, jamais conseguiria sobreviver só do futebol. (K.C.).

[...] Só o jogo não nos sustenta, precisávamos dividir entre trabalho e jogo. (G.D.S.).

Na mesma esteira afirmam outras ex-atletas:

Minha pior dificuldade que eu enfrentei e que as meninas também enfrentam é em relação ao pagamento, em relação ao salário, não ter um salário fixo em que você pode confiar, pode fazer conta contando com aquele salário, pois não tem uma carteira registrada, você não é registrada. (T.C.P.A.)

A desigualdade, pois a vida acaba sendo muito corrida por sermos obrigadas a buscarmos outras opções de sustento. Precisamos sim ter outro emprego para o sustento, aí é que vem o problema maior: conciliar horário de trabalho e treinos. (F.D.).

Apesar do crescente reconhecimento e dos avanços notáveis conquistados pelo futebol feminino em cenários nacionais e internacionais — que incluem, por exemplo, a ascensão de mulheres à arbitragem e a realização de eventos de grande porte como a Copa do Mundo Feminina no Brasil — as falas coletadas na pesquisa evidenciam um claro sentimento de insatisfação e desapontamento entre as ex-atletas de Mato Grosso. Essa percepção é intensificada pela constatação de que a realidade local ainda contrasta com os progressos observados em outros estados, principalmente das regiões sul e sudeste do país (BRASIL, 2023).

3.2 Preconceito no país do futebol

A sociedade, em sua estrutura tradicional, frequentemente reproduz padrões de gênero desde a infância. Crianças são socializadas a partir de atribuições ligadas ao sexo biológico, como evidenciado pela distinção de brinquedos: meninos recebem carrinhos e bolas, enquanto meninas são presenteadas com bonecas e utensílios domésticos, o que reforça precocemente os papéis de mãe e dona de casa (Daólio, 1997). Embora mudanças nesse panorama global sejam progressivamente notadas, a perpetuação dessas relações de gênero ainda representa um desafio na contemporaneidade, demandando contínuo debate e superação.

O preconceito é um mal enraizado que muitas mulheres vêm enfrentando até os dias atuais, e é muito sentido pelas atletas do futebol feminino. A presença feminina nas quatro linhas ainda busca sua afirmação, sendo que uma das causas prováveis para isso é a cultura de que futebol é "coisa para macho", além da fala que chega a ser um clichê: "mulher não entende nada sobre jogo". Tais ideologias padronizam o feminino, dificultando o acesso da mulher ao mundo do futebol (Franzini, 2005).

Dentre os destaques citados pelas ex-jogadoras, podemos dar ênfase para agressão verbal, sexualidade e sexismo. A grande maioria se queixou de ser tratada e chamada de

lésbica devido sua relação com o futebol ou ouvir comentários ofensivos, conforme as declarações a seguir:

Se jogamos bem “Joga igual homem”, se jogamos mal “vai lavar louça”, o máximo é visto hoje por incrível que pareça, até por mulheres. (F.D.).

Agressão física nunca, mas verbal sim, “perna de pau, machinho, mulher não joga futebol”, entre outras. (G.D.S.).

Muita agressão verbal: “macho fêmea” “vai brincar de boneca”, “sapatão”, etc. (K.C.).

Sim, várias vezes verbais: “vai lavar vasilha”, “vai cuidar de criança”. Coisas desse tipo. (J.A.F.).

...] na escola agressões não só verbais, simbólicas, mas por vezes é um preconceito sexista mesmo, que nosso país tem, que está enraizado, patriarcado no máximo. “Olha a mulher não pode jogar bola”, por parte de alguns membros da família, por parte até de professores de educação física que não compreendiam... “por que, que ela vai jogar bola?” É de uma educação física tradicional, para não dizer uma educação física que segue padrões que não são muito aceitos. Meninos jogam futebol e meninas jogam vôlei, aí você já viu uma segregação sexual. Então, tive que enfrentar, quebrar alguns paradigmas até da minha família, sempre com preconceitos, com frases homofóbicas né, por relação à mulher jogar futebol. (J.E.C.).

A mesma entrevistada acima ainda relata mais sobre o preconceito:

“[...] principal preconceito enfrentado por mim dentro do futebol feminino é realmente ser colocado no futebol feminino como ser inferior ao masculino, que são comentários como ‘Ah, mulher não sabe jogar bola’; ‘Não tem a mesma qualidade técnica’. A mulher que joga futebol, ela é masculinizada, [...] no sentido de ser lésbica, de haver possibilidade de ser trans., só que a prática, ela vai, além disso, o gostar do futebol não é uma razão interligada, nós sabemos que a homossexualidade é uma questão social, e o gosto pelo futebol não passa por isso, mas as pessoas preferem fazer essa colocação ao invés de assistir um jogo de futebol feminino, ao invés de incentivar a prática do futebol feminino. Se a paixão é nacional por que a mulher não pode gostar de futebol?”

O relato desta atleta nos faz refletir sobre vários preconceitos vividos por ela, e que provavelmente perpassa a vida de várias outras atletas pelo mundo. Mas quando toca em preconceito nas aulas de Educação Física Escolar, faz-se necessário que os profissionais que atuam na escola, façam uma reflexão sobre sua postura ao trabalhar com tais práticas esportivas que vem carregadas de estereótipos e que os professores precisam romper com essa ideia impregnada no espaço escolar e não mais reforçarem essa prática.

Ainda tratando dos preconceitos, outras ex-atletas continuam a relatar que:

[...] pior ainda, quando jogamos com time da casa, começa xingar: “lugar de mulher é na cozinha”, “sapatão”. É como se fossemos animais. (G.A.R.A.).

Sim! Várias, pela sexualidade são sempre comuns, agressões verbais, o machismo em dizer “lugar de mulher é na cozinha”, que “não sabe jogar bola”, se sabe é “sapatão”. (L.).

A gente sofre sim, quando se fala que é jogadora ou que joga futebol, normalmente a gente sofre pela opção sexual, eu sou hétero, mas a maioria sofre por causa disso, e quando fala que a mulher gosta de futebol, que a mulher joga futebol, é jogadora, as

peessoas já, já julgam é, a sexualidade da pessoa, aí falam “sapatona”, um monte de insultos verbais mesmo. (T.C.P.A.).

Franzini (2005) nos remete aos fatores que influenciam os relatos descritos pelas ex-atletas, ele afirma que o mito do sexo frágil sustentou um forte movimento contrário à aceitação do futebol como prática desportiva feminina. Utilizaram de leis e propagandas para impor que o futebol era inadequado à delicadeza e feminilidade. Ainda segundo esse autor, as mulheres eram consideradas incapazes de se adequar às múltiplas dificuldades e esforços atribuídos ao futebol. O autor ainda afirma que mesmo passando meio século da perseguição promovida pela ditadura, à identidade masculina na história da bola no Brasil é constantemente reafirmada enquanto as mulheres enfrentam dificuldades de toda sorte para tentar se firmar nos gramados.

Corroborando o autor supracitado, Rigo *et al.* (2008, p. 185) afirmam que:

Apesar de o futebol feminino brasileiro ter deixado de ser alvo de interdição, sua consolidação continua ser um desafio. Boa parte da discriminação e dos preconceitos que ele continua enfrentando, certamente, tem a ver com os 30 anos de proibição e de desqualificação que ajudaram a construir uma moral sexista alicerçada no discurso de que a mulher não combina com o futebol.

Os relatos das ex-atletas, que detalham insultos machistas e homofóbicos, confirmam a persistência da moral sexista que Rigo *et al.* (2008) atribuem aos 30 anos de proibição do futebol feminino no Brasil. Essas agressões verbais não são incidentes isolados, mas a materialização de uma percepção social enraizada que historicamente desqualificou a mulher no esporte. Assim, as experiências das atletas em Mato Grosso demonstram como essa narrativa histórica continua a desafiar a consolidação do futebol feminino, afetando a vivência das praticantes e a plena aceitação da modalidade.

3.3 Patrocínio para quem? Visibilidade para quem?

O patrocínio é uma peça fundamental no desporto que por sua vez pode viabilizar a carreira de um atleta ou mesmo um time, pode ser pequeno, disponibilizando uniformes, equipamentos e auxiliando a logística, ou pode ser grande envolvendo o salário das jogadoras.

Neste contexto, as entrevistadas apontaram a ausência de patrocínio. As narrativas mostram que a baixa credibilidade do futebol feminino mato-grossense, na percepção de possíveis patrocinadores, contribui para a escassez de apoio financeiro à modalidade. Este é um fator negativo ressaltado por várias delas, como veremos a seguir.

A principal dificuldade eu creio que seja a visibilidade, porque o futebol feminino ele não tem muita visibilidade, então isso dificulta muito em questão de patrocínio para, para as atletas. (T.C.P.A.).

[...] não se tem patrocínio no futebol feminino, pois eles não vêm retorno. (L.).

A maior dificuldade é encontrar patrocínio. As empresas não veem interesse pelo fato de não ter retorno. É difícil encontrar patrocínio até para uniformes. Por isso, unimos e tiramos do próprio bolso. Quando se tem um campeonato brasileiro ou copa do Brasil, as empresas abraçam a ideia até pela visibilidade, ou a empresas que amam futebol. (G.C.N.A.).

Único patrocínio que realmente houve nas equipes, em equipes que eu participei aqui do Estado, que no caso foi do Mixto, foi um patrocínio da Copagaz, porém esse valor, ele acabava sendo um valor que não nos dava para ter um salário e sim conseguia manter necessidades básicas como dinheiro para treino, condições de treino, e que antes também muitas vezes nós passamos dificuldades. [...] o que normalmente se escuta hoje é que eu faço parte de uma equipe também, mas também ajudo ir atrás de patrocínio. É que o futebol feminino e o futsal feminino ele não te traz uma visibilidade, principalmente em questão de imprensa mesmo, e de aceitação de público igual à do masculino, então, a questão de visibilidade, eles usam como argumento para não arrumar patrocínio por vezes né? (J.E.C.).

Primeiramente, as pessoas acham que não existe futebol feminino, não conhece, não acreditam no retorno de patrocínio. (G.D.S.).

Questionada sobre a maior dificuldade enfrentada como atleta de futebol, a ex-jogadora afirma que o patrocínio e a visibilidade foram os maiores desafios. Ela relata:

Visibilidade, patrocínio [...] (G.D.S.).

A falta deles, pois sem patrocínios as dificuldades sempre aparecem, porque o mínimo que é nos dados, chega às vezes a faltar, desde o auxílio mensal até o vale transporte. (F.D.)

A fala acima de F.D. transmitiu, por meio da entonação de sua voz, indignação no momento que ela afirma que a dificuldade relacionada à questão de patrocínio é exatamente a sua ausência, e percebemos um aborrecimento quando ela relata que no feminino às vezes até o básico falta.

Futebol feminino não tem a mesma visibilidade na empresa que futebol masculino, por isso é tão difícil patrocínio. (K.C.).

A falta de preparo de quem pede o patrocínio, até a total falta de interesse das empresas em patrocinar, devido à falta de evidência da modalidade, falta de visibilidade enfim falta de mídia, falta de um calendário para a modalidade. (J.A.F.).

[...] se fosse transmitido nas televisões, se fossem transmitidos por rádio também, falando sobre o futebol feminino, isso tudo iria ajudar muito a evoluir passo a passo o futebol. (T.C.P.A.).

As maiores dificuldades foram faltas de termos condições de ter, é, equipamento para ter participado de um campeonato, o patrocínio é primordial para nós, mas a gente tira com o nosso trabalho, a gente trabalhou para poder manter no futebol, a gente tirava dinheiro do nosso próprio bolso para gente ter a nossa chuteira, para gente conseguir o vale transporte, para gente conseguir deslocar para o local de jogos, de treinos. (S.A.).

A ex-atleta S.A. aponta o patrocínio como uma das maiores dificuldades enfrentadas no universo do futebol feminino mato-grossense, ela diz: “Única dificuldade que nós tivemos como jogadora no futebol só era questão de patrocínios e também em questão de, de valores de prêmios, que no futebol feminino são muito baixos os valores de prêmio. Que é pra gente não ter reconhecimento o futebol feminino.” A ex-atleta ainda relata “[...] no futebol mato-grossense a única coisa que falta é apoio, incentivo, patrocínio e questão de logística, isso precisa muito, e isso irá melhorar com certeza.” Para ela, o maior enfrentamento foi à questão de patrocínio e através de suas respostas ela passa uma visão de ser esse o problema do futebol feminino do Estado.

A partir dessas narrativas, é evidente, é visível a palavra RETORNO se repete diversas vezes pelas ex-atletas, assim como o termo VISIBILIDADE, ambas as palavras vêm associadas ao discurso de FALTA. E dentro do contexto analisado está profundamente relacionada ao Marketing. O patrocinador não enxerga a possibilidade da marca dele ganhar visibilidade e nem ser promovida por meio do futebol feminino, devido à desvalorização que este sofre, sendo assim, não vê vantagem em patrocinar, ou seja, não vê o retorno que isso traria para sua empresa.

Para Pisani (2014) o cenário acima relatado pelas ex-atletas aponta a existência de um desvio no calendário de competições, o que acaba dificultando ajuste nas grades televisivas, consequentemente isto propulsiona ciclo de dificuldades relacionadas à aceitação e apreciação do futebol feminino, já que o mesmo para crescer necessita de incentivos financeiro vindos de patrocinadores, que por sua vez não notam o futebol feminino como algo que faça gerar lucros para suas marcas, pelo fato da pouca presença nos meios de comunicação. Sem estes recursos, dificilmente as atletas conseguem dedicar-se somente à modalidade, por conta dos baixos pagamentos recebidos por jogos.

A seguir, apresentaremos trechos das entrevistadas que corroboram a sentença do calendário de jogos femininos:

[...] falta de um calendário para a modalidade. Pouca competição para ser mais precisa uma competição feita pela federação o ano inteiro. Se ganha o estadual ganha uma sobrevivência no ano. Se não, só sobram campeonatos amadores. (J.A.F.).

O nosso Estado é um Estado que tem problema de calendário, ele tem alguns problemas que são levantados, a gente não tem um calendário, então porque que uma empresa vai manter um patrocínio sendo que não se tem competições? (J.E.C.).

[...] tem que ter um calendário estruturado das categorias, para que haja um currículo de formação ideal no futebol feminino também. (J.E.C.).

A gente vê que tem uma organização um pouco maior relacionada ao calendário de futebol aqui para as categorias de base do masculino, porém falta à peteca no feminino, não há essas mesmas possibilidades no feminino [...] (J.E.C.).

As falas de J.A.F. e J.E.C. revelam a precariedade do futebol feminino no Brasil, destacando a falta de um calendário estruturado e de competições regulares, o que limita o desenvolvimento das jogadoras e a atração de patrocínios. J.A.F. aponta que as equipes femininas dependem de campeonatos estaduais para garantir uma "sobrevivência" anual, enquanto J.E.C. destaca a desigualdade entre os calendários de base masculino e feminino, com o futebol feminino sendo tratado de forma secundária. Essas falas expõem o preconceito estrutural no esporte, a ausência de uma estrutura profissional e a falta de apoio institucional perpetuam a marginalização das mulheres no futebol, refletindo uma discriminação sistêmica que prejudica o crescimento da modalidade.

4 CONSIDERAÇÕES

Os resultados desta pesquisa nos permitem observar que o Futebol Feminino Mato-Grossense, mesmo com os avanços dos últimos anos, ainda sobrevive na esfera do amadorismo e a maioria das atletas do futebol feminino de estado permanecem sem contratos duradouros e nem salários fixos para se manter pessoalmente, sendo inviável sobreviver dentro da carreira profissional.

O calendário de competições prejudica efetivamente na consolidação de patrocínios, devido à instabilidade nas datas e horários de competições, e essa programação instável, leva ao não interesse das redes televisivas em transmitir os jogos de futebol feminino, como consequência disso não há patrocínio.

A modalidade feminina sofre uma grande desvalorização no Estado, de forma cultural, econômica e social. Os preconceitos são bem nítidos, dando ênfase ao sexismo, a ideologia de que futebol é coisa de macho e a relação de que mulher que joga futebol é homossexual, são os estereótipos mais encontrados entre as ex-atletas analisada. Isso evidencia que esse preconceito está enraizado na nossa cultura e vem passando de geração para geração.

A história se repete quase que entre as entrevistadas, são dez narrativas que se aproximam todas as vezes que tratamos do nosso objeto de estudo, o futebol feminino. São histórias de mulheres que lutaram para se manter por amor ao esporte. Mas que sofreram muito, mas não desistiram, e por isso, conseguem retratar tão bem sua trajetória nessa modalidade esportiva ainda tão dominada pelos homens no estado de Mato Grosso.

A trajetória das mulheres no futebol mato-grossense ainda é marcada por muitos desafios, com o futebol feminino sobrevivendo no amadorismo e as atletas enfrentando a falta de contratos duradouros e salários fixos. O preconceito, principalmente o sexismo, machismo

e misoginia é um obstáculo significativo, com estereótipos que associam o futebol à masculinidade e vinculam a prática do esporte por mulheres à homossexualidade.

Conclui-se que há um longo caminho a ser percorrido para alcançar a equidade no futebol feminino, especialmente no que se refere ao preconceito enraizado em uma sociedade machista. Ressalta-se que, se a percepção social sobre o futebol feminino fosse mais inclusiva e respeitosa, certamente haveria um aumento no público das partidas. Isso, por sua vez, resultaria em maiores investimentos e patrocínios, que são algumas das principais dificuldades enfrentadas pelas atletas, melhorando assim suas condições salariais e, conseqüentemente, transformando o cenário atual da modalidade.

5 REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Codex- Portugal: Porto, 2006.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. **Diagnóstico do Futebol Feminino do Brasil**: investimento de recursos públicos e cenário da modalidade no país. Brasília, DF: Ministério do Esporte, 2023.

DAOLIO, J. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas: Unicamp, 1997.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, dez. 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, 1995.

GOELLNER, S.V. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na revista Educação Physica. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

GOMES, A.; SOUZA, J. **Futebol**: treinamento desportivo de alto rendimento. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HYMANN, H. **Planejamento e análise da pesquisa**: princípios, casos e processos. Rio de Janeiro: Lidaador, 1967.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONTEIRO, C. Marta, a rainha do futebol. **Revista TPM**, vol. 144. Disponível em:

<<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/marta-vieira-da-silva>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, vol. 26, n. 2, p. 73-86, Campinas, jan. 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU Mulheres. **Campanha pela igualdade salarial no esporte**: disparidade de ganhos entre jogadores homens e mulheres. [S.l.: s.n.], 2019. Acesso em: 09 nov. 2019.

PISANI, M. S. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra? **Revista Esporte e Sociedade**, Niterói, ano 9, n. 23, p. 1-10, mar. 2014.